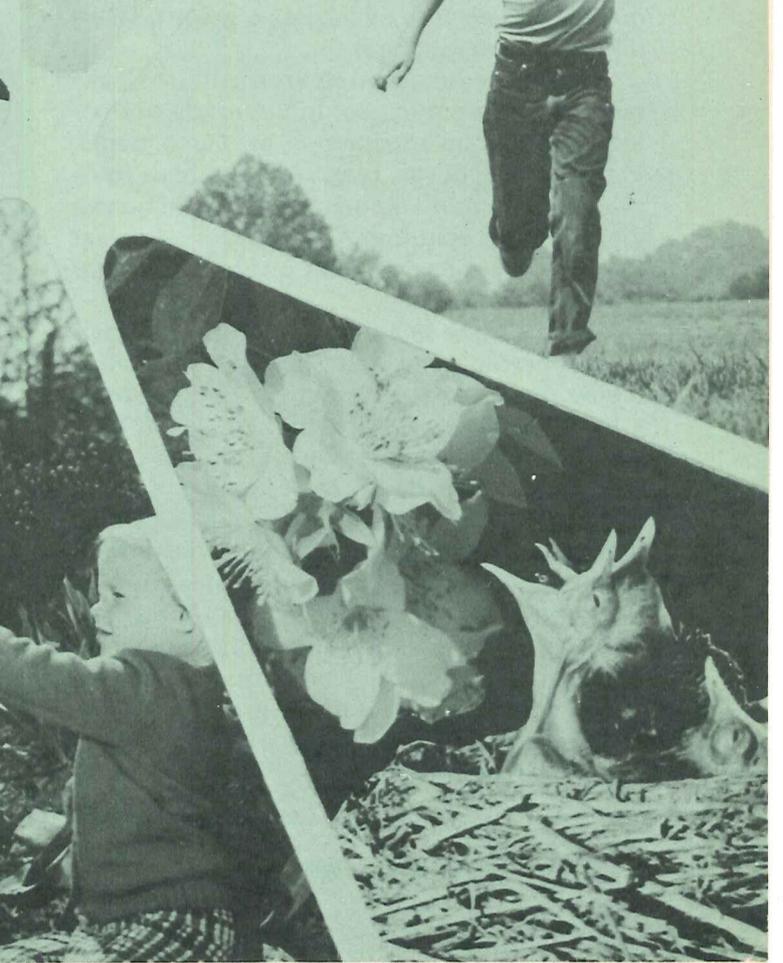
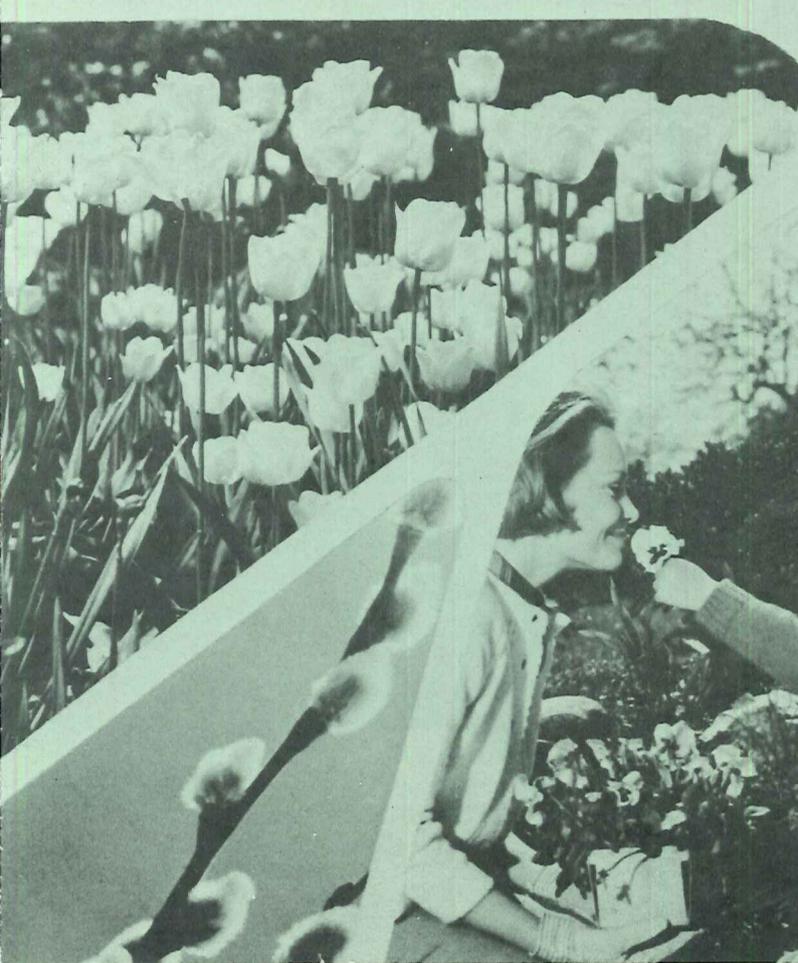


O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE MAIO DE 1983



European Nazarene
Bible College
Library



A senhora arrastou a cadeira para o meio do jardim, protegeu-se com um guarda-sol e prendeu a uma estaca um dístico insólito: MÃE EM GREVE.

O marido e os três filhos jovens acharam que fosse coisa passageira. Mas a noite desceu e a senhora não entrou em casa. A chuva fustigava o telhado, mas a mãe deixou-se estar, tão ensopada já como o seu letreiro.

No terceiro dia a nova já era conhecida na pequena cidade americana. Apareceram jornalistas e câmaras de televisão.

A senhora falou. Disse que estava cansada de ser tratada como coisa; disse que os da casa pensavam que ela era máquina de cozinhar, lavar a roupa, limpar os quartos, acariciar e amar; disse que nunca recebia, em troca dos seus serviços e devoção, o mínimo sinal de afecto e reconhecimento. Por isso, desabafou a senhora, declarou a greve.

Em que condições suspenderia a greve? Bem, a mulher lá tinha o seu papel com tudo escrito, ponto por ponto. Ela exigia ajuda em termos práticos e para tarefas específicas; queria também um pouco de carinho, umas flores de vez em quando — em vez do tom indiferente ou mesmo reprovador com que recebiam o seu labor diário.

Embaraçado e meio faminto, o marido assinou o contrato. Fez mais: encomendou uma dúzia de rosas vermelhas para a grevista. Dois filhos também assinaram.

Mas a moça de dezasseis anos gritou "Chantagem!" e disse que não. Influenciada por colegas da escola, recusava-se assinar o papel. Vieram mais chuvas, mais curiosos, mais fotógrafos e críticos de opinião dividida. Ao quarto dia, a jovem capitulou. A mãe arrancou a estaca com o letreiro, arrumou o cabelo e entrou em casa.

Qualquer que seja o nosso parecer a respeito da situação geral desta família indubitavelmente perturbada, será impossível esquecer o grito lançado. A ideia de uma greve no lar é para nós inaceitável, mas as razões que a desculparam deixam de ser tão estranhas. "Honra a tua mãe", é um mandamento que exige algo mais que um cartão florido num dia programado para o efeito. Milhares de mães que jamais entrariam em greve vivem na alma a sede dumas palavras e expressões práticas de amor em datas sem fanfarras. Como disse uma delas: "Seria como receber o maior presente de Dia da Mãe, mas em prestações diárias."

Dá que pensar. □

—Jorge de Barros



A VIDA— O VALOR SUPREMO

—V. H. Lewis
Superintendente Geral

A Bíblia fala da vida com delicadeza e precisão. Encontram-se nela as maiores e mais profundas declarações referentes à vida. Eis algumas:

“Nele (Cristo) estava a vida, e a vida era a luz dos homens” (João 1:4).

“Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (João 11:25).

“Disse-lhes Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida” (João 14:6).

Estes versículos estão relacionados com Cristo e a vida: Cristo é a vida; foi Ele que a veio trazer aos homens.

Quando você se refere à vida, aponta para o valor supremo.

Quando considera a vida, você está a pensar numa verdade sublime. Quando procura vida, encontra-se numa grande pesquisa.

Em Mateus 16:26, a *Bíblia na Linguagem de Hoje* diz: “Que vantagem terá alguém se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida? Não há nada que possa pagar para ter a sua vida de volta”.

Este versículo classifica a vida como o valor supremo. E é-o.

A virtude mais apreciada do Cristianismo é o facto que a vida é o valor primordial do tempo e da eternidade.

Cristo veio trazê-la. Ele podia. Proveu-a e continua a provê-la para cada homem. É pessoal. Quem escolhe Cristo obtém-na. O resto do tempo dessa pessoa é a maravilhosa aventura de a viver.

A tragédia do pecado é o seu desprezo pela vida. Tenta destruí-la e, com ela, tudo o que poderia cooperar na sua realização. No mundo pecaminoso o homem e a vida têm pouco valor. A história, o tempo e as proezas escritas da humanidade são o relato de vidas débeis, corrompidas e destroçadas.

Talvez possamos generalizar dizendo que o que rebaixa a vida é mau e o que a eleva é bom.

Você tem vida — mas apenas uma. Por isso, viva-a bem. Sendo de acordo com as

palavras de Cristo e vividas sob as Suas condições, todas as vidas são boas.

A pessoa que se decide por Jesus e vive segundo a ética dum vida recta, é feliz. Espero que este ano você viva na realidade!

Releia as grandes passagens bíblicas acerca da vida, tanto no Antigo como no Novo Testamentos. Não são só eternas, mas também diárias.

Algumas verdades que deve usar quase diariamente:

“A justiça encaminha para a vida, assim o que segue o mal faz isso para sua morte” (Provérbios 11:19).

“E dei-lhes os meus estatutos, e lhes mostrei os meus juízos, os quais, cumprindo-os o homem, viverá por eles” (Ezequiel 20:11).

“A vida de qualquer não consiste na abundância do que possui” (Lucas 12:15).

Sim, a Bíblia fala da vida — vida para você. Ensina como encontrá-la. Mostra como guardá-la. Planeja o modo de a viver.

Isto mostra que você não sabe quanto tempo terá neste mundo. Recorda que apenas possui uma vida. Não há segunda oportunidade, no caso de se desperdiçar a primeira.

Eis, em resumo, as verdades da vida que todos devemos lembrar.

A vida é o valor supremo porque

—Deus assim o declarou,

—é eterna,

—você apenas tem uma,

—o seu galardão é grande.

A vida

—é-nos dada dia a dia,

—é ganha ou perdida por você.

Desta forma, passemos os nossos dias com *vida*. Andemos de acordo com as palavras de Cristo. Que o amor, a graça e o caminho de Jesus entrem na nossa experiência diária. Vivamos realmente pondo em primeiro lugar o que é primeiro.

O valor de tudo isto é esperar que cada um de nós use e rejubile com a vida que Deus nos deu.

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII
Número 9
1 de Maio de 1983

BENNETT DUDNEY,
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
**CASA NAZARENA
DE PUBLICAÇÕES,**
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa
Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

CAPA:Foto por H. Roberts



que é a santidade?

—Fletcher Spruce

1. A santidade não transforma as pessoas em anjos. Elas continuam seres humanos, mas a natureza pecaminosa foi erradicada do seu coração.

2. A santidade não livra de tentações, mas ajuda a vencê-las. As pessoas que vivem em santidade também sofrem tentações; no entanto, Deus provê a fortaleza do Espírito Santo para as vencerem.

3. A santidade não imuniza contra o pecado, mas diminui as probabilidades de cair da graça. É a graça divina que nos arreiga na vida cristã.

4. A santidade não é o fim do crescimento espiritual, mas afasta os obstáculos. Convida-nos a um comportamento mais consistente.

5. A santidade não suprime as emoções, mas ajuda-nos a ter vitória sobre elas. À sensibilidade humana junta-se a graça divina.

6. A santidade não nos torna infalíveis, mas apura o bom senso. O santificado também erra.

7. A santidade não elimina os sentimentos humanos, mas orienta-os e purifica-os. Mantém o amor no nível mais elevado de pureza, sem corrupção.

8. A santidade não destrói os apetites naturais, mas desaloja os que são pecaminosos. Os legítimos e naturais são governados de acordo com a vida de pureza.

9. A santidade não constitui motivo de orgulho espiritual, mas lembra constantemente a necessidade de procurar a ajuda divina.

10. A santidade não aniquila a personalidade, mas concede a graça necessária para melhorar o relacionamento com o próximo. A pessoa de vida santa deve desenvolver atitudes edificantes.



ensinos de mãe

—W. E. McCumber

A Bíblia diz: “Não deixes a doutrina de tua mãe” (Provérbios 1:8). Uma tradução moderna seria: “Não desprezes os ensinamentos de tua mãe”.

Para celebrar o dia das mães, desejo apresentar alguns ensinamentos práticos que a minha mãe ministrou.

Um deles é de *coragem*. Encarar o inimigo de frente e não lhe voltar as costas.

Estávamos a jogar no quintal. O árbitro era um homem robusto que ignorava quase por completa as regras do jogo. Depois de três lançamentos irregulares, ele gritou-me: “Fora do jogo! Três faltas”. Chamei minha mãe a quem considerava perita no assunto. Assomou à janela da cozinha e o meu apelo foi atendido. Quando ela corrigiu o árbitro, este ficou irritado. Trocaram palavras ásperas e ele mostrou o punho fechado enquanto vociferava: “Vista calças e venha que eu lhe mostrarei quem é o árbitro do jogo”.

Ao dirigir-se à porta, minha mãe perguntou com decisão: “Quem é que precisa de calças?”

Quando ela chegou ao local do jogo, já o árbitro tinha desaparecido.

É assim que ela tem enfrentado os desafios — nunca se deixa intimidar por ameaças. A coragem tem sido sempre parte do seu carácter.

Minha mãe também me ensinou a praticar a *compaixão*. É melhor ter um armário sem nada, do que um coração vazio.

Nos anos difíceis da depressão económica americana, eu observei um velhinho que mendigava de porta em porta. Pedia comida, mas ninguém lhe dava. Quando chegou à nossa porta, minha mãe mandou-o entrar para descansar, enquanto ela preparava uma refeição. Por vários dias o pobre não tinha comido. Quando se afastou, vi lágrimas nos olhos de minha mãe e ouvi-lhe dizer: “Espero que meu pai nunca precise de mendigar pelas ruas”. Para outros, aquele ancião poderia representar uma ameaça para a já escassa provisão de alimentos. Mas, para minha mãe, era um ser humano, pai de família, sem dinheiro, faminto e desesperado. Ela era capaz de compartilhar com o faminto o seu último pedaço de pão — ou dar tudo e ficar com fome.

Lição custosa era a da *retribuição* ou disciplina. Quando eu era criança, a paga do pecado ou da desobediência era uma boa sova.

Em certa ocasião o meu irmão mais novo e eu envolvemo-nos numa luta à frente da casa. Começamos por insultar-nos. Minha mãe, que fora visitar uma vizinha, ouviu o barulho. Correu com justa razão para nos administrar disciplina. No caminho encontrou um barril com as duelas separadas. Pegou numa e dirigiu-se aonde estávamos.

Ao chegar, não se fez esperar. Enquanto nós brigávamos freneticamente, ela, com a força dos seus quase 100 quilos de peso, principiou a bater-nos. Depois de recebermos algumas pancadas, negociámos à pressa uma trégua e procurámos escapar do seu alcance. Fugimos para trás da casa. Minha mãe continuou a perseguir-nos. Então trepamos para uma mangueira e demos-lhe tempo que se acalmasse.

Tenho notado como hoje se está a desenvolver uma geração de meninos mimalhos que dominam em muitos lares como monarcas. Ainda continuamos a pagar pelos pais que não disciplinam seus filhos. Apesar das lições terem sido dolorosas, alegro-me de minha mãe me ter ensinado a respeitar as autoridades e que não se pratica o mal sem castigo.

Nessa altura minha mãe não era crente, mas possuía um código de ética moral e força de vontade para o fazer cumprir.

Ela foi a melhor professora da minha vida. □



à nossa porta

Era de manhã cedo. Alguém bateu à nossa porta. Minha mãe estava em casa com os filhos e foi abri-la.

Certo ancião excitado começou a contar acerca dum embrulho que vira na entrada duma casa desabitada, pouco abaixo da estrada. Com a respiração entrecortada concluiu: "Parece um bebé a chorar".

Aquele bater à porta de nossa casa iniciou uma cadeia de acontecimentos. O embrulho continha um bebé a chorar — faminto e necessitado de cuidados. Minha mãe chamou uma amiga. Recolheram a criança, alimentaram-na e, depois, comunicaram o caso às autoridades. Quando meu pai regressou, a casa fervilhava.

O serviço social pediu aos meus pais que cuidassem do bebé por algum tempo e ajudassem a encontrar um casal que o adoptasse. Começaram a orar diariamente e a examinar cuidadosamente as várias pessoas que desejavam adoptar essa encantadora criatura.

Deus operou de forma extraordinária. O bebé foi adoptado por uma família cristã que lhe proporcionou um lar amoroso.

Ao longo dos anos muitas pessoas bateram à porta de nossa casa. Porém, nenhuma delas foi tão dramática como o velhinho que anunciou a criança abandonada. No entanto, para minha mãe cada chamada constituía um desafio. Especialmente dos meninos da vizinhança que nos domingos à tarde lhe batiam à porta — prontos para ouvir alguma história bíblica. E como essas lições eram práticas!

Servia-se de quadros e outros objectos. Por vezes usava uma caixa cheia de areia para colocar as figuras que representavam per-

sonagens bíblicos. Passava horas a preparar a lição a que ela chamava "oportunidade de ouro".

"Pois", explicava ela, "se os meninos não tiverem agora estes ensinios, quando precisam, dentro de poucos anos será demasiado tarde".

Algumas vezes as vizinhas vinham procurar conforto — com a senhora que tinha o pai muito doente. Ou aquela cujo marido era muito mau. Cada problema parecia ter sempre solução para minha mãe. Ninguém era rejeitado — mesmo que viesse pedir alguma coisa emprestada.

Muitos lhe pediam conselho.

Uma moça que trabalhava sob as ordens dum homem alcoólico não sabia que fazer para o ajudar. Toda a família sofria. Também um seminarista, cheio de aspirações, pensava estar enamorado duma jovem que não parecia ser a esposa apropriada para um ministro do evangelho.

Chegavam com frequência pessoas de todas as idades com profundas necessidades espirituais. Minha mãe ajudava-as por meio da oração. Quando cresci, verifiquei que ela era uma pessoa devotada a Deus — e que Ele respondia de modo especial aos seus pedidos.

ESPÍRITO DE PERDÃO

—Jack C. Stepp

Acontecem coisas na vida cristã que, aparentemente, não são razoáveis. Há erros que nunca se podem corrigir. Algumas pessoas más que escapam ao castigo, enquanto cristãos com vida disciplinada são maltratados sem qualquer motivo.

Talvez uma razão seja que Deus provê estas oportunidades para nos encher com o espírito de perdão. O Senhor não só perdoa, mas concede-nos o Seu Espírito para que também nós perdoemos. Jesus sempre aconselhou a perdoar uns aos outros.

Certo dia, o apóstolo Pedro perguntou ao Mestre: "Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo até sete, mas até setenta vezes sete" (Mateus 18:21-22).

A resposta dada a Pedro foi bastante generosa. Alguns rabinos ensinavam que se devia perdoar três vezes. Depois, havia direito a vingança. Pedro esperava que Jesus confirmasse tal doutrina. Os discípulos deviam ter ficado desapontados com a resposta do Mestre: "Não te digo que até sete, mas, até setenta vezes sete". Por outras palavras Ele estava a declarar: "Vocês não devem pôr limites ao perdão".

Jesus não condenou o ofensor, mas deu a Pedro, o ofendido a chave do perdão ilimitado. Retiremos do coração todos os obstáculos que impeçam o desejo de perdoar a quem nos fez mal. Jesus foi o "Mestre do perdão ilimitado".

O ressentimento é a reacção natural do ofendido. No entanto, o espírito de ressentimento produz com frequência o desejo de vingança. O ódio e o rancor quase sempre trazem consequências negativas à vida espiritual.

Podemos esperar do próximo duas atitudes ilusórias. A primeira é trato afável. A segunda, o pior comportamento. Qualquer delas gera ódio no coração.

O homem tem a tendência natural de se ofender com qualquer agravo. Entretanto, quem está em Cristo procede de modo diferente. O incrédulo pode não perdoar, mas o crente fá-lo. A vida de perdão começa quando renunciamos ao "direito de nos vingarmos", o que não é fácil. Trata-se duma decisão voluntária de não pagar mal com mal e de revelar a bondade de Deus em nós.

Quando o Espírito Santo entra na alma, muda por completo o nosso ser e ajuda-nos a crescer no perdão. Deus deu o exemplo. Merecíamos castigo pelos nossos pecados, mas recebemos perdão por Sua graça. Como Ele nos perdoou, também nós devemos perdoar.

O espírito de perdão tem outra dimensão. A Bíblia diz que quem se indispõe contra seu irmão dificulta a graça e o perdão de Deus (Mateus 6:12; 14:15; Marcos 11:25; Lucas 11:4). Em Mateus 18:32-33, Jesus fala do servo que recebeu castigo: "Servo malvado, perdoei-te toda aquela dívida, porque me suplicaste. Não devias tu, igualmente, ter compaixão do teu companheiro, como eu, também tive misericórdia de ti?"

Psicologicamente, quando o ressentimento nos separa das outras pessoas, a nossa vida social sofre. Não podemos mostrar amizade genuína. Espiritualmente, seria inconcebível que nós, a quem Deus perdoou os pecados, não desejássemos perdoar.

Jesus tratou deste assunto várias vezes. O crescimento no espírito de perdão torna-nos pessoas úteis e carinhosas, prontas a restabelecer as relações interrompidas. Se possuímos o verdadeiro espírito de perdão, poderemos dizer: "Pela graça de Deus fui perdoado, e pela graça de Deus, perdorei ao próximo". □

Cuidado, ânimo, conselho, amor e oração — eram razões que levavam muitas pessoas a bater à nossa porta. E sempre encontravam ajuda. Ela nunca se encontrava demasiado ocupada. Toda a gente saía da sua presença mais animada. São sem conta as vidas que ela ajudou — corações a quem infundiu nova esperança.

Alegra-me saber que há um dia especial para honrar as mães — não só a minha, mas quantas ela representa — mães cristãs dedicadas que gastam a vida a socorrer as necessidades de quantos batem à sua porta. □

—Mary E. Latham

A ESPERANÇA DO CRISTÃO

—Theodore E. Martin

Em II Coríntios 4:7-12, o apóstolo Paulo descreve situações práticas das quais saiu vitorioso. O caminho do cristão nem sempre oferece panorama místico ou de trânsito fácil. Depende da forma como o cristão enfrenta ocorrências diárias. Ele é um vaso de barro, sujeito a fracassos e defeitos. No entanto, o milagre da sua vida não consistirá em evitar problemas e desilusões, mas no que fará para sair deles. Mesmo quando aconteça o pior, saberá, de alguma forma, sair vitorioso. Toda a gente acabará por reconhecer que a sua vitória proveio do poder de Deus e não da sua própria fortaleza.

Um comboio corria a grande velocidade por um trilho de carris inseguros. Ao pressentir o perigo, todas as pessoas se encheram de pânico, menos uma menina que, tranquila, continuava a brincar. Alguém lhe perguntou: "Não tens medo que o comboio descarrilhe e que todos fiquemos feridos ou mortos?" Ela respondeu com serenidade: "Não, o meu pai é o maquinista, conhece bem estes carris e a que velocidade se pode viajar. Descansem que todos sairemos sãos e salvos".

É verdade que todos seremos perseguidos. Cristo assim o declarou. Mas conservemos a esperança, pois nunca estaremos sós. Como os três jovens hebreus que foram lançados nas chamas da fornalha ardente, teremos Alguém que nos guardará.

Podemos estar desanimados. Algumas vezes açoitam-nos tempestades mui fortes. Mas, graças a Deus, há quem nos levante novamente. Tenhamos a certeza de mais uma oportunidade.

Não podemos escapar à morte. Nem Jesus foi isento. A mensagem da ressurreição não nega a existência da morte, mas que ela foi derrotada pela vida. A morte não é tragédia; é vitória.

O corpo não conserva muito tempo a boa aparência e as qualidades que possui. Mas o espírito renova-se eternamente. Embora a deterioração do corpo seja um facto, sabemos que o homem interior, nascido de novo pelo Espírito Santo, se renova dia a dia. Deus sempre concede graça abundante para a renovação do espírito.

Isso requer "uma dependência contínua do Senhor" —uma vida de oração e tempo de meditação. Se orar significa falar com Deus, então meditar significa escutá-lo. O último é tão importante como o primeiro e exige leitura cuidadosa da Palavra de Deus.

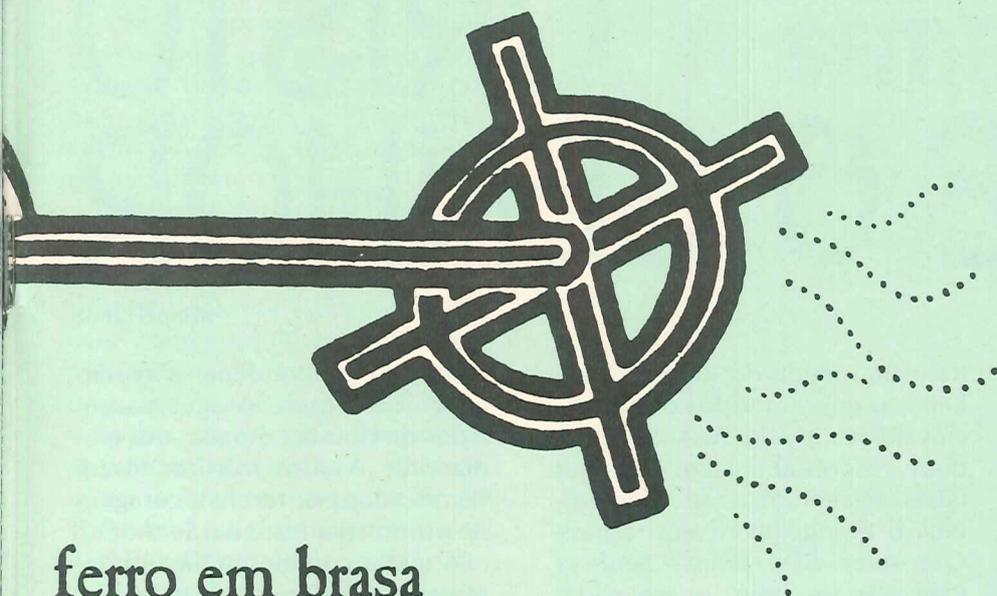
O segredo para se conservar a esperança no meio das vicissitudes da vida, consiste em olhar para o céu. Falamos do concreto e de riquezas, mas estes perecem porque os seus valores são efémeros e se deterioram. Mas o que é invisível e do espírito revela-se eterno. O mundo invisível de rectidão, santidade e verdade é o que permanece para sempre. O nosso olhar deve fixar-se nos valores eternos, se queremos conservar a esperança. □



Quando era adolescente, tinha verdadeiro prazer em observar os rebanhos da Serra da Estrela (Portugal) que passavam na minha aldeia para as pastagens do Carapalho. Um após outro, com milhares de ovelhas e cabras, davam à serra uma beleza deslumbrante. Sobressaía o tocar pachorrento de centenas de chocalhos com todos os feitios e tamanhos. Os animais pertenciam a vários donos. Pastores e cães de guarda vigiavam atentos noite e dia.

Porém, o que mais me impressionava era o ferro em brasa que os donos usavam para marcar nos animais o seu nome. Embora houvesse fumo, o calor do ferro não penetrava a pele. Com o ferrete gravado no lombo das ovelhas, toda a gente ficava a saber des-trinçar umas das outras.

Ao falar dos falsos mestres, o apóstolo Paulo declarou: "Esses ensinamentos vêm de homens hipócritas e mentirosos, que têm a consciência morta como se ela tivesse sido queimada com ferro em brasa" (I Timóteo 4:2, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*). Paulo usou



ferro em brasa

—Acácio Pereira

aqui a palavra grega *kauterion* que significa ferrete ou marcar com ferro em brasa. Ferreira de Almeida traduziu: "Tendo cauterizado a sua própria consciência". Os criminosos e escravos eram marcados com ferrete para serem identificados no caso de fuga. Os mentirosos e falsificadores da verdade recebiam o "ferrete" indicativo de escravos de Satanás, a quem pertenciam. Ensinavam doutrinas errôneas: "Proibindo o casamento e ordenando a abstinência de manjares que Deus criou para os fiéis" (I Timóteo 4:3).

Havia no seminário católico que frequentei algo parecido a um "ferrete" — uma fita azul com uma grande medalha na ponta para assinalar os que pertenciam à "Associação de Filhos de Maria". Realizavam-se periodicamente reuniões secretas e cultos especiais dedicados à Virgem. Nessa altura eu era tão devoto que não só pertenci à associação, mas cheguei a ser presidente.

Ensinaram-me que Maria era medianeira de todas as graças,

que não se chegava ao céu sem a sua ajuda, que dela dependia a salvação das almas e que devíamos recorrer a ela como co-redentora da humanidade. A princípio aceitei facilmente estes dogmas como regra de prática para a vida — ajoelhava diante de estátuas, fazia novenas, celebrava missas e rezava terços em sua honra. Mas à medida que amadureci na fé e o Senhor me encaminhou na vida espiritual, comecei a pôr de parte alguns ensinamentos.

Entretanto, creio sinceramente que Maria foi uma das jovens mais virtuosas e tementes a Deus. Mas a sua virtude e graça devia-as ao Senhor. Ela própria não se considerava fonte, mas recipiente das bênçãos divinas. O anjo testemunhou: "Alegre-te, muito favorecida! O senhor é contigo" (Lucas 1:28). Nas palavras do *Magnificat* ela revelou a sua profunda gratidão e extrema humildade: "A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador; porque atentou na baixezinha da sua serva" (Lucas 1:46-48). Se Deus era o seu

Salvador é que ela também precisou de salvação. O anjo declarou a José: "O que nela está gerado é do Espírito Santo; e dará à luz um filho e chamarás o seu nome Jesus; porque ele salvará o seu povo dos seus pecados" (Mateus 1:20-21).

Maria é nossa irmã na fé. Ao aceitar a vontade de Deus — "cumpra-se em mim segundo a tua palavra" (Lucas 1:38) — arriscou a própria honra. Sabia que iriam duvidar da sua pureza, mas com fé inalterável superou barreiras humanas. Valeu-lhe a graça divina.

Nós devemos imitar as suas qualidades. Ela é, sobretudo, modelo das mães. Mas, se lhe fosse possível sondar o culto idolátrico (hiperdulia) que pessoas tributam às suas imagens, ela seria a primeira a entristecer-se. O mandamento diz: "Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás" (Êxodo 20:3-4).

O que admira é surgirem no meio de tanta confusão religiosa estas declarações: "Exorta (o concílio) todos os filhos da Igreja a prestarem devotamente culto a Maria, sobretudo na liturgia; sejam revalorizados os exercícios e práticas em sua honra que a autoridade doutrinária tem recomendado ao longo de séculos; e sejam cumpridas piedosamente as decisões promulgadas acerca da veneração das imagens de Cristo, da bem-aventurada Virgem e dos Santos" (*Lumen Gentium*, 17 — Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II).

Estaremos em face do grave problema dos últimos tempos de que fala o apóstolo Paulo em I Timóteo 4:1-5? Examinemos a nossa crença e não nos deixemos levar por doutrinas duvidosas e de "mentirosos que têm a consciência morta como se ela tivesse sido queimada com ferro em brasa". □

CRISTO É O SENHOR

—Manoel Lahoz

Para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, e toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai (Filipenses 2:10-11).

A tarefa suprema da igreja consiste em proclamar em alto e bom tom, *Cristo como Senhor*. Através dos séculos, a igreja mudou a ênfase da sua mensagem essencial. Uma análise do Novo Testamento, evidência irrefutável da expressão da Igreja Primitiva, revela de que maneira ela testificava de Jesus Cristo. Por mais surpreendente que pareça, o Novo Testamento refere-se a Jesus como Salvador apenas 16 vezes; Chama-O Mestre 64 vezes; mas proclama-O Senhor cerca de 650 vezes!

A igreja do século XX inverteu a proporção neo-testamentária! A proclamação da igreja mudou de ênfase e, por conseguinte, sua postura diante do mundo. A igreja do primeiro século apresentava-se de pé, proclamando Cristo como Senhor, convidando todos os homens a se ajoelharem perante a Sua autoridade absoluta e eterna. Em contraste, a igreja do século XX se ajoelha perante o mundo — que fica sempre em pé — implorando-lhe que aceite de graça Jesus como Salvador.

Vejamos a ênfase da Igreja Primitiva. Os homens querem um Salvador, mas não um Senhor. Querem a coroa, mas não a cruz. Desejam o Reino de Deus, sem o

Rei que manda no Reino. Numa palavra, querem todos os benefícios do evangelho, mas sem qualquer responsabilidade. Seremos falsas testemunhas se oferecermos o evangelho nesses termos. Que quer dizer *Jesus é Senhor*? Para nós de hoje, quase nada; mas para os cristãos do primeiro século era questão de vida ou morte.

Na sociedade luso-brasileira, todo o homem se chama senhor. O carteiro, o lixeiro, todos gozam do mesmo título honorífico, tanto como as pessoas do mais alto gabarito social. Somos todos senhores. E, se Jesus é *Senhor*, que diferença faz?

Na cidade de Rondonópolis, interior do Mato Grosso, um nosso irmão, quando encontrou uma pessoa que pretendia evangelizar, perguntou-lhe: "Conhece o Senhor Jesus?" Qual não foi a sua surpresa quando recebeu a seguinte resposta: "Meu amigo, estou há 15 dias na cidade e não conheço quase ninguém".

No tempo do império romano a palavra *kyrios*, *senhor* em português, indicava uma autoridade ilimitada. O dono de um escravo era o seu "senhor", tendo literalmente poder de vida ou morte sobre ele. A palavra "Senhor" era usada para determinar o título real de César: *Kyrios Cesar* (César é o Senhor). Quem não o reconhecesse seria réu de traição.

Aqueles que declarassem *Jesus é o Senhor*, arriscavam-se à prisão e à morte. Essas palavras eram su-

ficientes para condenar o cristão ao coliseu, onde o aguardavam leões da Líbia ou espadas dos gladiadores. Muitos mártires foram sacrificados por terem a coragem de pronunciar *Jesus é o Senhor*.

A igreja contemporânea precisa voltar às origens para examinar criteriosamente não apenas os métodos modernos, mas também a mensagem. Precisa anunciar Cristo como *Senhor* — acima da pátria, da família e de tudo quanto exige a nossa lealdade!

A leitura do Novo Testamento revela que Jesus sempre apresentava o Seu evangelho nos termos da Sua soberania. Ele nunca barateou as condições do discipulado, para facilitar mais decisões. Ao contrário, lançou o repto aos que queriam segui-LO. Um dos trechos mais luminosos neste contexto é Lucas 9:57-62, onde deparamos com três voluntários. Ao primeiro mostrou em poucas palavras a disciplina física da parte de quem O seguisse. Não prometeu garantia de colchão de molas e três refeições por dia! Ele mesmo não tinha aonde reclinar a cabeça.

Crer em Jesus significa a aceitação da Sua autoridade sobre o nosso ser, inclusive, o corpo. Entregar-se de corpo e alma a Cristo, o Senhor, envolve um preço elevado demais para a maioria. Eis porque milhares de jovens, que no início correm atrás de Jesus, não O seguem. Vão-se tristemente, como o moço do evangelho.

O segundo voluntário fez um pedido que parece louvável. É preciso compreender a linguagem oriental, que esconde o pensamento do jovem. O pai do rapaz ainda estava vivo. Ele queria seguir a Cristo mais tarde, depois do pai falecer.

O terceiro fez também um pedido razoável: "Senhor, seguir-te-ei; mas deixa-me despedir primeiro dos que estão em minha casa". Seria um filho ingrato se o não fizesse. Porém, as festas de despedida naquele tempo duravam dias. Os três voluntários que se afastaram de Cristo, chamaram-nO *Senhor*, como título de cortesia. É tragicamente possível declarar fé em Jesus, pregar no Seu nome e até expulsar demónios e fazer milagres sem conhecê-LO realmente como Senhor. Quão solenes são as palavras de Cristo a respeito dos tais. "Então lhes direi explicitamente: Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mateus 7:22-23).

O sentido da palavra *Senhor* é infinitamente maior do que o seu uso indica. E se o senhorio de Jesus se estende a todos os homens, é mister que cada um de nós entenda a plenitude do seu significado. O apóstolo Paulo pregava: "Se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo" (Romanos 10:9).

Cristo é Senhor de todo o homem, da política, da Igreja, do Universo; e, finalmente, Ele é o Senhor da seara, conclamando todos os seus servos à ceifa, pois os campos estão brancos. . . .

Agora, uma advertência. Em Lucas 6:46 encontramos as palavras de Jesus Cristo: "Por que me chamais: Senhor, Senhor, e não fazeis o que eu digo?"

Obedecemos às ordens do Senhor Jesus Cristo. Como estamos agindo? Pensemos um pouco antes de responder ao Senhor. □

À SEMELHANÇA DE CRISTO

JOHN A. KNIGHT,

Autor, é Presidente da Faculdade Nazarena de Betânia

Extractos do livro . . .

“O desígnio de Deus para um povo santo não é uma chamada para a craveira de super-santo, mas um dom para todos os discípulos confiantes.

Esse destino tão elevado do homem em assegurar a imagem moral de Deus, está revelado na Bíblia tanto explícita como implicitamente.

A redenção provê mais que o perdão dos pecados e a adopção na família de Deus.

Assim como não se pode viver indefinidamente só com uma respiração, também não se pode alimentar a vida espiritual só com um acto de fé. ”

A grande verdade da santidade de coração e vida está apresentada com clareza e fundamentada nas Escrituras. Um estudo que deve ser feito com a Bíblia aberta. "À Semelhança de Cristo" ajudará sobremaneira a compreender melhor a vida de santidade a que Deus chamou os Seus filhos.

Preço U.S. \$3.00



Encomende hoje o seu exemplar à
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES

quem é responsável pelas crianças?

"Quem é responsável por estes meninos?" Ecoou uma voz tensa no departamento da Escola Dominical. As duas senhoras que contavam o dinheiro da oferta ignoraram a observação. "São casos perdidos... Nada posso fazer com eles!"

Finalmente, uma das senhoras, sem levantar os olhos, explicou: "Foi a família Almeida que os trouxe. Provêm dum lar *desfeito*".

"Então, por que os não ensina a família Almeida em vez de mos entregar? Já tenho demais", reagiu a voz.

A frustração do professor, o interesse da família Almeida e o *tom de voz da palavra desfeito* sublinham uma necessidade nas nossas igrejas. Como responderemos ao número crescente de crianças provenientes de casais separados, um sinónimo cortês de "divorciados"? Quem é responsável por elas?

No passado, os filhos de pais divorciados quase sempre permaneciam "fora" da igreja. Hoje, esses casos dão-se até nas famílias "dentro" da congregação. Nas congregações mais numerosas, a família atingida pode permanecer. Os pais por vezes tornam a casar e continuam na igreja.

O meu interesse sobre este assunto aumentou quando assisti a uma discussão à porta da igreja.

Certa mãe divorciada tentou ir à igreja apanhar o filho após a Escola Dominical. Pensava levá-lo antes do pai sair do culto. Porém, como o culto acabou mais cedo, deu ensejo a discussão pública entre os pais desavindos acerca da posse do filho.

Exaltaram-se e a mãe escorregou. Foi o bastante para acusar o marido de a ter empurrado. O menino correu para a mãe. Entretanto, o número de expectadores aumentou à medida que saíam do templo. Os comentários da assistência divergiam.

Nunca esquecerei a atitude do menino quando o pai o levou. Sentia-se humilhado. Esta ocorrência ajuda-me a compreender

um dos milagres de Jesus.

Certo homem, chamado Jairo, pediu ao Mestre que fosse curar sua filha. A caminho da casa de Jairo uma mulher tocou a orla do manto do Senhor e foi curada. Quando o Mestre chegou junto da menina ela já tinha falecido. Ele "viu o alvoroço, e os que choravam muito e pranteavam" e fê-los sair (Marcos 5:38-40).

Como responderia Jesus aos meus amigos da Escola Dominical nesse domingo? Talvez da mesma forma que à menina. Tomando-lhe a mão, disse: "Menina, a ti te digo, levanta-te" (Marcos 5:41). Teria Ele ordenado que a gente saísse para que não tivesse a oportunidade de ver o milagre? Não. O senhor queria que quando a menina despertasse não se assustasse com tanta gente.

A sua última instrução foi "que lhe dessem de comer" (Marcos 5:43). Embora Jesus não fosse pai, compreendia as crianças e reconhecia as suas necessidades.

Em caso de divórcio, quem é responsável pelos filhos? Terão eles direito a que a igreja os ame e sustente, apesar do fracasso matrimonial dos pais?

Antigamente, nas nossas igrejas, o adulto mais perto dum menino mal comportado cuidava dele durante o culto. Agora os meninos ausentam-se do culto de adoração para assistirem à "igreja infantil". Como resultado, os adultos sem crianças ou os que já têm os filhos crescidos, ignoram as suas necessidades. Assim é lhes fácil dizer: "Não é minha responsabilidade".

A palavra de Deus impõe a todos responsabilidade comum. Nos tempos bíblicos, os meninos eram uma extensão da família e os adultos protegiam-nos.

Recorde-se, por exemplo, quando Maria e José perderam Jesus no regresso de Jerusalém. "Pensando, porém, eles que viria de companhia, pelo caminho, andaram caminho de um dia, e procuravam-no entre parentes e conhecidos" (Lucas 2:44). O menino

não precisava de estar com os pais para se sentir seguro e ter supridas as suas necessidades.

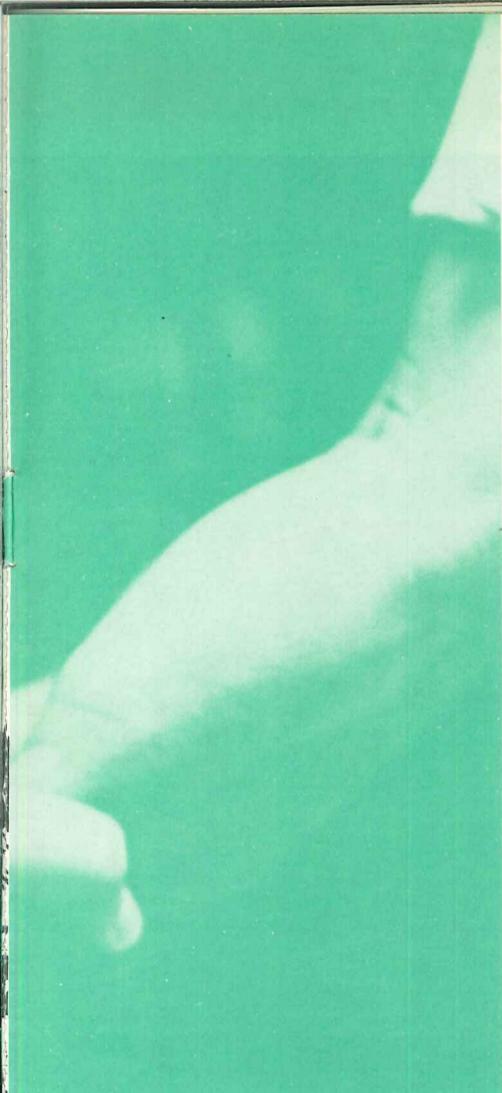
Em II Reis 10:1, 5 "os aios" não eram pais, mas pessoas que cuidavam de meninos.

Em duas passagens paralelas (Mateus 19 e Marcos 10), deparamos com os fariseus a desafiar Jesus acerca do divórcio. Quando Jesus concluiu os Seus ensinamentos sobre o tema, trouxeram-lhe crianças. A justaposição destas duas passagens não é simples coincidência, pois o divórcio tanto afecta crianças como adultos.

Se Cristo dedicou tempo às crianças, como pode a Sua Igreja ignorá-las? O Senhor pôs sobre elas as mãos (Mateus 19:13) e nós devemos fazer o mesmo.

"Levai as cargas uns dos outros" (Gálatas 6:2). Poderá a carga de um menino passar a ser minha?

Num lar em que só há um dos pais, o menino precisa de segurança e cura das cicatrizes do seu



vida positiva

—Janis Lafferty

Minha mãe tinha um estilo de vida positivo. Nunca abrigou pensamentos negativos.

Sua profissão era de enfermeira diplomada; mas o seu serviço era exaltar Cristo. Em todas as casas onde trabalhou como enfermeira deu o seu testemunho cristão. Ajudou muitos que tratava fisicamente a encontrarem a cura espiritual.

Em 1971 sofreu um ataque que a levou a mudar de ocupação. Ficou com o lado direito do corpo parcialmente paralizado, mas ela já pertencia totalmente ao senhor. Depois duma série de tratamentos físico-terapêuticos, orou que Deus a ajudasse a organizar uma obra de evangelização entre as pessoas idosas que viviam no mesmo prédio.

Procurou ganhar a confiança das famílias, pois apenas vivera nesse edifício quatro meses antes de ter o ataque. Cozia pão especial e fazia geléia de frutas para oferecer às famílias que visitava. Aproveitava a oportunidade para compartilhar com elas o seu testemunho cristão. Quando recebia presentes, não os usava: preferia oferecê-los a senhoras doentes ou recém-operadas. Isto fornecia-lhe a oportunidade de orar com elas e de as animar. Distribuía semanalmente literatura evangélica que, para muitas pessoas, era a única que tinham em casa.

Como excelente cozinheira convidava de vez em quando à sua mesa pessoas necessitadas de companhia e de amizade. Algumas delas foram ganhas para Cristo à sua mesa. Iniciou uma classe bíblica semanal que superlotou o seu apartamento; passou a realizar-se na sala de reuniões do prédio. Num ano conseguiu ensinar aos mais idosos toda a Bíblia. Nunca se preocupou demasiado com o lado do corpo paralizado. Mas não se cansava de dar graças a Deus pela outra parte que ela podia movimentar bem, como por aquela que estava “a descansar”.

Assistia regularmente à sua igreja e sempre tinha palavras de apreço e gratidão.

Vivia o seu dia a dia positivamente. Não dava azo a aborrecimentos ou queixas, convencida de que o Senhor faz bem todas as coisas. Em 1973 partiu para o céu, onde faz parte do “comité de boas-vindas”. Aí poderá estender a mão a outros, sorrindo e dizendo: “Deus o abençoe”. □

espírito abalado. As suas cargas oferecem-nos oportunidade de ser Igreja.

O Senhor falou do copo de água fria oferecido em Seu nome. Para os meninos, pode significar um abraço carinhoso, doces, sorvete ou alguma visita a um parque.

“Deixai vir a mim os meninos, e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus” (Lucas 18:16). Os cidadãos mais pequenos do reino têm necessidades especiais que merecem a nossa atenção.

Há pessoas na igreja que vieram de lares *desfeitos*. Algumas começaram a assistir à Escola Dominical ou escola bíblica de férias a convite de vizinhos e familiares. Certamente se sentiram algumas vezes frustradas e quase esgotaram a paciência do professor, mas valeu a pena.

Quem terá responsabilidade das crianças? Todos nós. □

—Harold I. Smith

OBRIGADO, mãe!

—C. Dale German

Certamente eu não posso recordar o primeiro domingo que fui à igreja, situada a 24 quilômetros, após a minha chegada do hospital. Mas lembro-me de muitos outros domingos em que, com chuva ou sol, neve ou frio, ia na companhia de meus pais à Escola Dominical e ao culto. Planejávamos as férias de acordo com as atividades da igreja e nunca saíamos para tão longe que não pudéssemos estar na nossa igreja no domingo de manhã.

Recordo também, quando na minha adolescência questionava acerca das devoções em família, das reuniões de oração no meio da semana, da Escola Dominical, da igreja e dos padrões de santidade.

Nesses anos de crises e provações, minha mãe sempre estava pronta a escutar-me, mas nunca cedia. Isso aborrecia-me, mas centralizou a minha vida em Cristo e na igreja, e hoje sinto-me feliz por isso.

Ela não conseguira passar do ensino liceal, mas sempre incitava os três filhos a frequentarem uma faculdade nazarena. "Se fores apenas por um ano e encontrares uma boa jovem", dizia-me ela, "já será útil". Por sua influência eu frequentei uma faculdade nazarena.

Durante cinco anos ela fez tudo para eu ser um pianista, mas quando finalmente se convenceu de que o meu forte era cantar, enviou-me à cidade para ter lições privadas de voz.

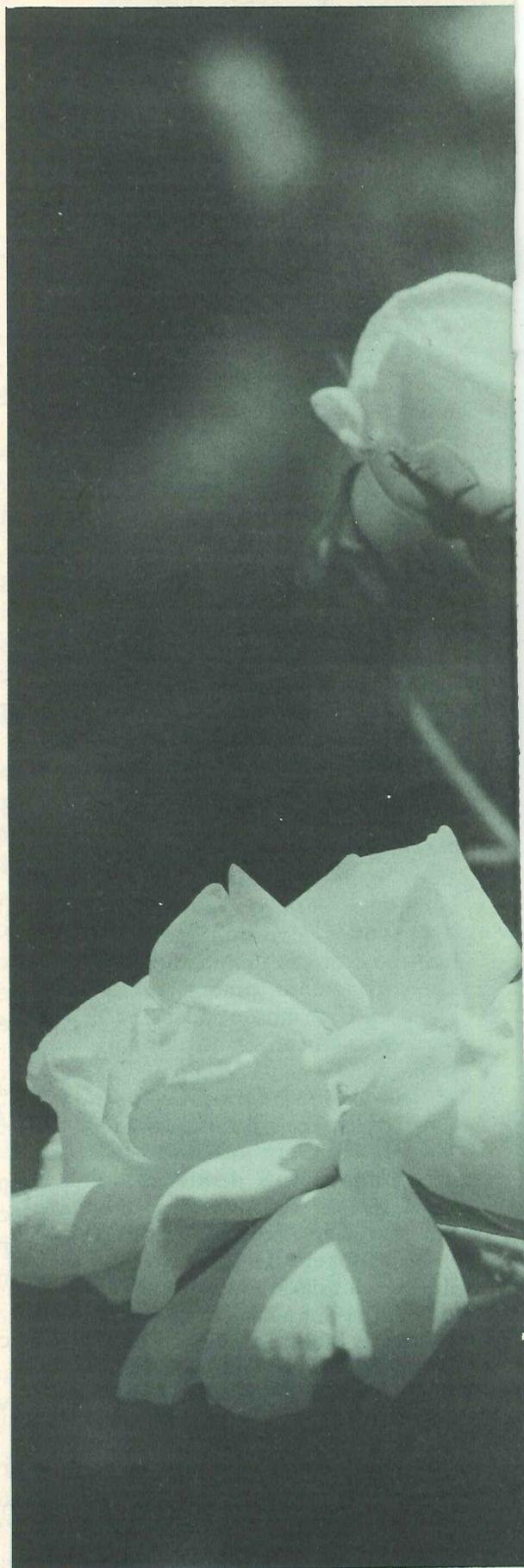
Minha mãe amava as missões mundiais. Na sua juventude rejeitara uma oferta de ir para a Índia como missionária por se tratar duma denominação que não pregava a doutrina da santidade. Certa vez, quando eu tinha 15 anos, recebemos uma revista missionária. Minha mãe leu-a. Nela havia uma fotografia de filhos de missionários assentados num jeep, próximo dum tigre morto por um missionário na Índia.

"Pensa filho", disse ela. "Nunca se sabe. Talvez um dia te cases com alguma dessas jovens missionárias". E apontou para E. Carter que se encontrava na primeira fila. Nem minha mãe nem eu conhecíamos então a família Carter, mas hoje Emmalyn Carter é minha esposa e sinto-me feliz.

Minha mãe devotava a maior consideração aos pregadores do evangelho. Nunca a ouvi dizer algo negativo acerca de qualquer deles. Levava-me a acampamentos, a cruzadas de avivamentos e a outros locais onde era pregado o evangelho. Ensinou-me que ser pregador é a melhor coisa do mundo e qualquer mãe se sentiria orgulhosa em ter um filho ou filha com essa missão divina. A minha vocação foi um pouco tardia. Mas, quando reconheci, aos 35 anos de idade, que era Deus a chamar-me para pregar e não minha mãe, respondi imediatamente: "Sim, Senhor".

A minha mãe não é uma "super-mulher". É uma das inúmeras mães, verdadeiras heroínas ignoradas que trabalham no reino de Deus. Possuem a realidade de Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Vivem (algumas vezes com privações) pensando que a sua fé é a coisa mais importante da vida. E isso vai influenciando aqueles que as cercam.

O que mais agradeço à minha mãe é ela me ter possibilitado o Cristianismo. Ao longo de tantos dias de labuta, noites de lágrimas, angústias, frustrações e desafios, ela continuou a orar por mim e a amar-me sem reservas. Obrigado, mãe! Estou contente que o fizeste. □





OBREIROS DE PORTUGAL

Depois de terem servido em bem sucedidos esforços pioneiros, no Porto e em Coimbra, os missionários Srader e Scott receberam novas responsabilidades em Portugal.

O Rev. Duane Srader, à esquerda, assumiu as funções de Director do Campo. Espera-se que o Rev. Jon Scott e Esposa, à direita, iniciem um novo trabalho em área recomendada pela Junta do Distrito de Portugal.

O casal Mosteller, responsável pelo começo oficial do trabalho no país, acha-se agora em missão especial visando a abertura de uma nova frente atlântica. Esperamos, dentro em breve, noticiar o acontecimento.

Jovens portugueses recém-cursados da Escola Bíblica Nazarena da Suíça já se encontram em franca actividade em diversas áreas da terra lusitana.



A HORA NAZARENA

A larga audiência deste programa semanal de rádio ganhou novas antenas. Trata-se da famosa Voz dos Andes, escutada por muitos povos. Assim, A HORA NAZARENA passou a ser também irradiada pela HCJB, todos os domingos, a partir das 0015 GMT.

Mais de 50 estações, em sete países, transmitem hoje A HORA NAZARENA. Cartas e testemunhos de ouvintes atestam a efectividade deste ministério iniciado em duas pequenas estações, nos fins de 1972.

A POLÓNIA IMPRIME BÍBLIAS

Em resposta à grande procura da Palavra de Deus, a Sociedade Bíblica Unida forneceu aos polacos papel para a impressão de 195.000 Bíblias, 45.000 Novos Testamentos ilustrados e 200.000 porções dos Evangelhos.

CELEBRAÇÃO GRANDIOSA

A Secretaria Geral da Igreja do Nazareno anunciou planos para a celebração do 75º Aniversário da Igreja do Nazareno.

Delegações especiais esperam congregar-se, às 10:30 horas do dia 13 de Outubro de 1983, no local onde se reuniu em 1908 a Assembleia Geral de Pilot Point, no Texas, EUA.

Os nossos Serviços de Comunicações planejam a gravação em vídeo deste importante evento do Jubileu de Diamante a celebrar-se de 1 de Setembro de 1983 a 31 de Agosto de 1984. Acomodações da área do aeroporto regional DFW já foram reservadas para o efeito, achando-se também garantido um serviço de transporte colectivo para o ponto histórico. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**

Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o **NOVO ENDEREÇO**
Endereço antigo

Nome _____	_____
Endereço _____	_____
_____	_____

Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., 1000—Lisboa.

Faça uma assinatura, enviando a importância de US\$2.00 para qualquer dos endereços acima indicados.

